

Projeto de Pesquisa Temático

Competitividade Financeira das Organizações Brasileiras

RESUMO

Muito se tem discorrido sobre a necessidade de almejar a uma competitividade maior, que somente sendo mais competitivos é que se vai obter sucesso, crescimento através da competitividade.

Assim, o objetivo deste projeto é avaliar a competitividade financeira das organizações brasileiras no contexto internacional. Buscar-se-á também definir o termo competitividade financeira das organizações, criar metodologias de mensuração e avaliação da mesma e avaliar a competitividade financeira das organizações brasileiras.

Para isso, serão considerados os principais setores da economia ao longo dos anos. Serão avaliados os aspectos macroeconômicos, microeconômicos dos setores de atividade, considerados a partir da análise financeira das empresas, estrutura de mercado, políticas macro e microeconômicas, além do estudo do ônus da carga tributária sobre as empresas brasileiras.

Ao longo deste projeto se dará ênfase à utilização de indicadores em conjunto como forma de reduzir as limitações de cada índice financeiro e abarcar um número maior de variáveis.

1. INTRODUÇÃO

Em muitos setores da atividade econômica observa-se o emprego do conceito de competitividade como um jargão, não demonstrando sua real importância e necessidade de estudo.

Primeiramente, cabe destacar a complexidade do assunto. Quando se utiliza o termo competitividade, envolve-se uma imensidão de variáveis que fazem com que seja necessário

especificar o contexto no qual se deseja observar, pode-se falar de competitividade entre empresas, em determinados setores produtivos, numa determinada nação, entre nações, no curto ou no longo prazo, ex-ante ou ex-post, dentre muitas formas de se mensurar a competitividade. Enfim, a complexidade do assunto obriga a determinar um foco para análise, caso contrário pode incorrer no equívoco de utilizar o termo num sentido tão genérico que denigra seu significado ou relevância.

Para este projeto serão considerados os principais setores da economia, ao longo dos anos. Serão avaliados os aspectos macroeconômicos, microeconômicos dos setores de atividade, considerados a partir da análise financeira das empresas, estrutura de mercado, políticas macro e microeconômicas, além do estudo do ônus da carga tributária sobre as empresas brasileiras.

Serão considerados, não somente os índices financeiros, mas também outros indicadores que, em conjunto, permitam uma análise mais abrangente e reduzam as limitações de cada índice.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O estudo da competitividade na teoria econômica, apesar de antigo, ganhou grande impulso em décadas recentes. Os estudos de vantagem comparativa de David Ricardo em 1817 são considerados os primeiros estudos sobre competitividade (SAMUELSON e NORDHAUS, 1993). Por uma dimensão dita macro da questão, a competitividade vem sendo abordada como a capacidade de um país, sob condições livres e justas de mercado, de produzir bens e serviços que atendam às demandas de mercados internacionais ao mesmo tempo em que geram aumento real da renda de seus cidadãos (PORTER, 2001; WAHEEDUZZAMAN, 2002).

Há também uma dimensão micro, chamada competitividade empresarial. Essa se ocupa principalmente do estudo da competitividade de organizações, uma vez que são elas, e não os países, que competem de fato nos mercados internacionais. Essa abordagem, entretanto, é conduzida mantendo-se em mente que os países de origem oferecem as condições básicas para o sucesso ou fracasso de uma empresa nos mercados internacionais (PORTER, 2001) e que a competitividade de um país é mais do que a simples agregação da competitividade de suas empresas (COUTINHO, 1993). O foco desse estudo é a competitividade nessa chamada dimensão micro, ou seja, competitividade organizacional.

O ambiente turbulento e mutável desse início de século traz novos desafios para empresas e países que demandam nova perspectiva sobre a competitividade. A competitividade, como atributo dinâmico e cujos fatores-base estão em contínuo e acelerado processo de evolução, exige estruturação detalhada desses fatores e constante revisão da posição competitiva de empresas, setores e países.

Um dos efeitos mais significativos do recente movimento de integração internacional dos mercados internacionais é a redução de barreiras ao comércio internacional e a conseqüente exposição das empresas à concorrência internacional. Mesmo aquelas empresas que atuam exclusivamente em seus mercados nacionais ou cuja natureza da atividade tende a ser, sobretudo, local, estão diretamente expostas aos efeitos da competitividade internacional (SERCU e UPPAL, 1995).

Diante desses fatos, a capacidade de adaptação dessas organizações e sua competitividade, avaliadas agora em bases globais e não apenas locais, tornam-se fatores predominantes para o sucesso, ou até mesmo, para sobrevivência das mesmas. Competição acirrada, inovações tecnológicas constantes, ritmo acelerado de evolução tecnológica, crescente nível de incerteza, complexidade e integração de mercados tornam mais dinâmicas as bases para determinação da competitividade.

Competitividade, entretanto, não é um termo simples com uma definição precisa e bem aceita. Ao contrário, diversas abordagens, modelos e teorias buscam formular um conceito de competitividade que permita avaliações comparativas entre empresas ou países através da avaliação de fatores quantificáveis. A relação entre competitividade e esses fatores, contudo, nem sempre é clara e direta.

Um dos primeiros passos para a definição de estratégias competitivas nesse novo cenário é a identificação da posição competitiva atual dessas empresas e de seus concorrentes. Segundo PORTER (1986), o diagnóstico interno de pontos fortes e fracos é feito *vis-à-vis* aos pontos fortes e fracos dos principais concorrentes. É nesse contexto que surge a necessidade de avaliar, entre outros aspectos, a competitividade financeira das organizações brasileiras frente aos seus concorrentes internacionais.

HAGUENAUER (1989) agrupou as noções de competitividade em dois grupos: as que privilegiam o desempenho em termos de venda e penetração nos mercados, que se expressam em indicadores de parcela de mercado e sua expansão; e as que buscam as suas raízes na eficiência produtiva, que usam os coeficientes técnicos ou a produtividade como índices.

POSSAS (1997) acredita que o uso dos dois índices em conjunto é uma forma mais adequada de se mensurar a competitividade de uma empresa num determinado setor. Em consequência disto, são abordados primeiramente os indicadores financeiros das organizações nos seus devidos setores. Como interpretação dos dados econômico-financeiros analisados, serão inferidos dados de produtividade e estratégias que foram utilizados nos últimos anos para se chegar aos resultados obtidos.

Enfim, após a exposição de algumas das definições e indicadores da competitividade das empresas, pode-se perceber que há muita divergência na caracterização da competitividade, aos que abordam a questão de maneira mais superficial não encontram dificuldades em caracterizá-la, entretanto, aos que se aprofundam nesta questão percebem que

esta não é simples ou de fácil mensuração, como dito anteriormente. Pode-se notar que o termo competitividade tem uma relação muito próxima com a busca pela valorização do capital, assim, inovação tecnológica, produtividade (afetada pela primeira), atua no sentido de colaborar como o objetivo de aumentar a valorização do capital através de redução de custos ou vantagens de diferenciação que permitam obter uma maior valorização do capital.

Assim, serão apresentados as premissas e conceitos utilizados para definir a proposta do projeto.

O debate dos problemas de competitividade da indústria brasileira face ao ambiente internacional começa a se delinear, com maior clareza, em meados da década de 80, intensificando-se a partir das políticas de abertura de mercado e desregulamentação, cuja implementação se iniciou nos últimos anos. Particularmente na década de 90, destacaram-se, por suas conseqüências decisivas para a competitividade da indústria brasileira, as reformas destinadas à liberalização do comércio externo e dos fluxos das aplicações do capital estrangeiro, à estabilidade de preços, à privatização de empresas, à desregulamentação dos mercados de bens e serviços e as alterações nos sistemas tributário e financeiro.

A maioria dos analistas, entretanto, utilizam uma definição mais ampla de competitividade e focam em fatores estruturais afetando a performance econômica de médio e longo prazo: produtividade, inovação, habilidades, dentre outros (FAGERBERG, 1996). Para PORTER (1990), o único conceito significativo de competitividade de um país é manter um nível crescente e sustentável de produtividade, essa necessidade faz com que a economia de uma nação sofra um aprimoramento contínuo, adicionando características desejáveis, desenvolvendo tecnologia e impulsionando a eficiência da produção.

De qualquer forma, este trabalho não tem por objetivo investigar a competição entre os países ou a capacidade do Brasil em competir com outras nações, mas sim a competitividade entre os diferentes setores da economia brasileira dentro de um contexto

nacional e internacional. Independente da existência ou não de uma competição absoluta entre os países, “uma nação com seus recursos naturais, recursos humanos, regimes políticos, organizações governamentais, instituições de pesquisa e ensino, sistema financeiro e valores sócio-culturais provê o ambiente competitivo no qual as empresas são criadas, organizadas e gerenciadas” (ORAL e CHABCHOUB, 1997). Portanto, estes aspectos de uma economia devem ser considerados no momento em que se pretende medir e explicar diferenças de desempenho entre empresas ou entre ramos de atividade.

A competitividade empresarial decorre de um conjunto de ações produtivas, administrativas e comerciais que, segundo RODRIGUES FILHO e AMIGO (2000), permitem à empresa alcançar seus objetivos de rentabilidade, crescimento e participação de mercado. FLEURY e PROENÇA (1993) apontam ainda para a capacitação tecnológica e a qualidade da gestão empresarial, o que é diretamente relacionado às pessoas, como elementos centrais para a competitividade.

Visto dessa forma, evidencia-se que o desempenho de uma empresa será condicionado por um vasto conjunto de fatores, sejam internos à empresa, seja relativos ao setor ou à cadeia nos quais ela opera ou aos sistemas econômico, político, social e tecnológico em que está inserida. A competitividade, portanto, não é estática, mas dinâmica, já que esses fatores estão em constante processo de mudança. E o desempenho e eficiência, por sua vez, serão conseqüências do ajuste da empresa ao mercado, à concorrência e ao ambiente econômico em que ela esteja inserida, como posto por COUTINHO e FERRAZ (1994). Ademais, mudanças nos fatores externos afetarão de maneira particular cada organização, setor e cadeia produtiva e país. Prova da dinâmica da competitividade pode ser observado ao se constatar que o Japão, segunda economia do mundo e que figurava nos anos 80 em primeiro lugar no *ranking* do Anuário da Competitividade do Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Gestão, de Lausanne na Suíça, caiu para a 23^a posição em 2004 (IMD, 2004).

Ainda em relação aos fatores que estabelecem as bases para o grau de competitividade das empresas, MATTUELA, FENSTERSEIFER e LANZER (1995) enfatizam que são conseqüência da conjugação de vantagens que chamam comparativas e competitivas. As primeiras têm origem na dotação de recursos naturais e na especialização do trabalho, enquanto que as segundas advêm da eficiência organizacional, da capacidade de inovação e do ambiente econômico.

O estudo da competitividade também é freqüentemente tratado por meio de uma terceira dimensão, que pode ser entendida, de certa forma, como intermediária entre o país e a firma individual. Trata-se do setor industrial, no qual a empresa está inserida e, que por sua vez, está inserido na realidade competitiva do país. Mais recentemente, passou-se a tratar da cadeia produtiva também como uma dimensão intermediária, porém mais ampla que o setor.

A competitividade de um setor é avaliada pela capacidade de um grupo de empresas concorrentes, normalmente de um país específico, *vis-à-vis* grupos de concorrentes de outros países. Já a competitividade de uma cadeia *vis-à-vis* outra cadeia, não necessariamente de diferentes países, é mais complexa e envolve não os concorrentes, mas todos os elos de uma cadeia produtiva específica e as relações verticais entre esses elos, desde fornecedores primários até varejistas, passando por outros fornecedores, indústrias e distribuidores.

Nesse contexto de cadeia produtiva, MATTUELLA, FENSTERSEIFER e LANZER (1995) tratam os fatores competitivos sob comando decisório das organizações como fatores que irão estabelecer o grau competitivo endógeno de todo segmento. A conjugação destes fatores com aqueles exógenos ao campo decisório da empresa definirão as vantagens competitivas da cadeia produtiva como um todo. A competitividade passa a ser uma questão para avaliação dentro da cadeia e não de cada elo. Desse modo, se um determinado elo da cadeia não for competitivo, isso não implica necessariamente que a cadeia também não o seja. De fato essa abordagem não visa a maximização da competitividade de cada elo

isoladamente, uma vez que isso pode diminuir a competitividade da cadeia como um todo. Visa, por outro lado, a avaliação da cadeia como um todo e da eliminação de gargalos competitivos.

Para melhor compreender os diversos conjuntos de fatores que afetam a competitividade tanto na dimensão micro, a empresa propriamente, quanto na dimensão macro, o contexto no qual a empresa está inserida, ALBERNATHY, CLARK e KANTROW (1981) desenvolveram um modelo conceitual que divide esses fatores em quatro categorias. O modelo está representado na figura 1 abaixo.

O estudo de competitividade é amplo e comporta uma gama de variados enfoques. Não se limita somente aos níveis empresarial, setorial (ou de cadeia produtiva) e ao nível de abrangência das nações (SANTOS, 1996). Cada um desses níveis pode comportar, por sua vez, diferentes abordagens. Para o estudo da competitividade empresarial, existem abordagens mercadológicas, tecnológicas, de manufatura e operações, de recursos humanos e financeiros.

	Estrutura	Infra-estrutura
Macro País	1 Política Fiscal Política Monetária Política Comercial Política Industrial Mercado de Capitais Legislação Sindical Malha de transporte e comunicação	2 Cultura Tradição Religião Valores Educação
Micro Firma	3 Seleção negócio/mercado Decisões de plantas e equipamentos Capacidade Instalações/foco Localização Tecnologia processo	4 Sistema de avaliação e controle Políticas de mão-de-obra Relação com fornecedores Desenvolvimento e seleção de gerentes Orçamento de capital Estrutura organizacional

	Integração Vertical	
--	---------------------	--

Figura 1 – Modelo de categorias para fatores de competitividade.
Fonte: ALBERNATHY, CLARK e KANTROW (1981).

Segundo PORTER (1999), o desempenho de qualquer empresa em um determinado ramo de atividade pode ser dividida em duas partes: a primeira é atribuível ao desempenho médio do setor e a outra decorre do desempenho relativo da empresa no setor acima ou abaixo da média. Neste trabalho será mantido o foco estritamente sobre a primeira parte citada, ou seja, o estudo se concentrará no desempenho médio dos setores brasileiros em relação à média dos respectivos competidores internacionais.

Ainda de acordo com PORTER (1999), a diferença de desempenho entre as organizações de um mesmo setor decorre de fatores que permitem que as empresas pratiquem preços maiores ou custos menores. Esses fatores podem ser resultantes de diferenças na eficácia operacional e no posicionamento estratégico. Quando a comparação de desempenho é feita entre setores de diferentes países, conforme explicitado anteriormente, deve-se adicionar a estes dois fatores as influências do ambiente resultante das características do país.

As demonstrações financeiras contêm importantes informações sobre os resultados operacionais e a posição financeira de uma organização. Tendo em vista que essas demonstrações são amplamente padronizadas, os dados que elas contêm podem ser usados para fazer comparações entre empresas e através do tempo. A relação entre certos dados financeiros pode ser usada para identificar áreas onde a empresa tem sucesso e, mais importante, áreas com espaço para melhorar o desempenho (GITMAN 2001).

O procedimento normalmente utilizado por este modelo de avaliação passa pelo desenvolvimento de índices financeiros. Segundo GITMAN (2001), a análise através dos índices financeiros envolve métodos de calcular e interpretar índices financeiros para avaliar o desempenho da organização. Os insumos básicos para a análise de índices são a demonstração do resultado do exercício e o balanço patrimonial da organização. Ainda como medida

relativa de grandeza o índice fornece a idéia quantitativa das relações estabelecidas, sem, entretanto, nos fornecer os elementos qualitativos contidos na mesma SILVA (1999).

A análise financeira, entretanto, consiste em um exame minucioso dos dados financeiros disponíveis bem como das condições endógenas e exógenas, que afetam financeiramente a empresa (SILVA, 1999).

Mais recentemente, a abordagem financeira incorporou novos conceitos. O conceito de valor tem sido amplamente divulgado em anos recentes como medida para a administração financeira de empresas. Para COPELAND, KOLLER e MURRIN (1995), se os fornecedores de capital não receberem um retorno justo que os compensem pelo risco assumido, então eles moverão seus recursos para outras empresas ou outros países. Se não puderem fazê-lo, então consumirão mais e pouparão menos. De qualquer forma, empresas e países que não forem capazes de criar um ambiente adequado para os investidores serão legados ao segundo plano na busca por competitividade global.

Boa administração financeira, sob condições em que fatores relacionados à gestão financeira são críticos e podem levar a empresa a situações de vulnerabilidade se negligenciados, pode se compor como elemento de vantagem competitiva para empresas (MATTUELLA, FENSTERSEIFER e LANZER, 1995). Independentemente das circunstâncias, contudo, a boa administração financeira é fator relevante para o nível de competitividade de qualquer empresa ou organização que utilize recursos financeiros para viabilizar suas operações. O que se aplica, portanto, a quase totalidade das organizações. Num contexto como o atual, de incertezas, constantes mudanças e mercados de competição acirrada, onde o resultado obtido pelas empresas é função direta de melhores práticas de administração, a boa administração financeira tende a ganhar maior importância.

Fica evidente que essas abordagens, ainda que em consequência da forma como se organiza o conhecimento e as empresas, sejam separadas na teoria, na prática estão

necessariamente inter-relacionadas. É difícil tratar da manufatura e operações sem pensar em processos. Insustentável definir objetivos para um processo ou o valor adicionado pela manufatura, sem ter em mente o cliente final, seus desejos e necessidades. Inviável estabelecer o valor que será entregue ao cliente, sem que se defina a viabilidade operacional e os processos mais eficientes para tanto. A competitividade financeira, por sua vez, está diretamente ligada a capacidade da empresa em captar e aplicar seus recursos. Tanto um quanto outro são influenciados pela capacidade de gerar receitas e fluxos de caixa através das vendas aos clientes, dos custos de produção e o nível de produtividade da manufatura, da eficiência dos processos administrativos, e conseqüente economia de recursos financeiros que permitem.

Competitividade decorre da integração de esforços entre diferentes linhas funcionais e, portanto, possuem grande ligação com o processo estratégico, e precisa ser incorporada ao processo de planejamento estratégico da organização, de acordo com AMBASTHA e MOMAYA (2004).

Quadro 1 – Modelos e Teorias de Competitividade

Modelo/Teoria	Foco Central	Uso	Complexidade	Estágio de Crescimento de empresas que podem usar
EVA®	Financeiro – Custo de capital e valor adicionado	Alto	Baixa	Em crescimento ou estável
Pirâmide de Valor	Produtividade	Médio	Baixa	Em crescimento ou estável
Retorno total ao acionista	Criação de valor pela adição de caixa e crescimento econômico	Baixo	Baixa para média	Em crescimento
Cadeia de Valor	Adição de valor de mercado através de direcionadores de valor e de custos, valor contábil (ativos e passivos)	Baixo	Média	Em crescimento
Curva de Valor	Posicionamento em função de margem e complexidade tecnológica e de marketing	Baixo para médio	Baixa	Em crescimento ou estável
Modelos de Qualidade	Liderança, processos e desempenho	Médio	Baixa	Em crescimento

Qualidade				
Capability Maturity Model (CMN)	Nível de maturidade dos processos de software. (5 níveis: inicial, repetível, definido, gerenciado e otimizado).	Médio para alto	Baixa para média	Estável
Ativo-Processo-Desempenho	Ativos, processos internos e desempenho da organização	Baixo para médio	Média para alta	Em crescimento
Gestão baseada em valor	Criação de valor através de decisões, incentivos e baseado em comunicação	Baixo	Média	Em crescimento
Balanced Scorecard (BSC)	Financeiro, clientes, negócios internos, processos, aprendizado e crescimento	Baixo para médio	Médio	Em crescimento

Fonte: Adaptado de AMBASTHA e MOMAYA, 2004.

Apesar da literatura sobre o assunto ser vasta e ter se desenvolvido rapidamente na última década principalmente, ainda existem várias questões não respondidas sobre o tema e sobre como essas teorias podem ser usadas na prática para desenvolvimento de empresas, setores e países competitivos. Dificuldade de modelos e teorias em se integrar aos processos estratégicos e funcionais das organizações ainda persistem. A seleção e a escolha de modelos pode variar em função dos objetivos e aspectos centrais da intervenção sobre a competitividade de cada organização. Assim como em função de estágio de crescimento da mesma (AMBASTHA e MOMAYA, 2004). Esses autores selecionaram um grupo de 10 modelos e ferramentas que são apresentados no quadro 1 acima. Por simplicidade, AMBASTHA e MOMAYA (2004) classificam as empresas em dois grupos: estáveis e em crescimento. Também classificam os modelos e teorias em função da complexidade e do nível de uso pelas empresas. Uso de modelos e teorias mais simples é obviamente mais freqüente.

Um vasto número de variáveis, estruturais (MINTZBERG, 1995), organizacionais e gerenciais (PORTER, 1986; PRAHALAD e HAMEL, 1990) vem sendo usado para explicar e avaliar a competitividade das organizações. Dentre essas variáveis, encontram-se os aspectos financeiros das mesmas (GITMAN, 1987). De fato foram os aspectos de desempenho

financeiro, medidos a partir de dados contábeis que, aliados a medidas de produtividade física, nortearam os estudos sobre competitividade até a década de setenta.

2. JUSTIFICATIVA

Um dos efeitos mais significativos do recente movimento de integração internacional dos mercados internacionais é a redução de barreiras ao comércio internacional e a conseqüente exposição das empresas à concorrência internacional. Mesmo aquelas empresas que atuam exclusivamente em seus mercados nacionais ou cuja natureza da atividade tende a ser, sobretudo, local, estão diretamente expostas aos efeitos da competitividade internacional (SERCU e UPPAL, 1995).

Além disso, não só as empresas necessitam desta competitividade, mas também outros tipos de organizações, como bancos, hospitais, área pública, etc.

Diante desses fatos, a capacidade de adaptação dessas organizações e sua competitividade, avaliadas agora em bases globais e não apenas locais, tornam-se fatores predominantes para o sucesso, ou até mesmo, para sobrevivência das mesmas.

Competição acirrada, inovações tecnológicas constantes, ritmo acelerado de evolução tecnológica, crescente nível de incerteza, complexidade e integração de mercados tornam mais dinâmicas as bases para determinação da competitividade. Por isso a importância de estudos sobre a competitividade em seus diversos níveis.

Desta forma, a relevância do projeto não se limita a um simples estudo científico, mas estende-se ao detalhamento da situação econômico-financeira empresarial dos setores no Brasil. Além disso, visa-se obter dados e informações para atender a questões governamentais, empresariais, financeiras e econômicas trazendo possíveis soluções ou correções para o desenvolvimento das empresas no Brasil.

3. OBJETIVOS

O principal objetivo deste projeto é avaliar a competitividade financeira das organizações brasileiras no contexto internacional.

Os objetivos específicos são:

- Definir competitividade financeira das organizações;
- Criar metodologias e mensuração e avaliação da competitividade financeira das organizações;
- Avaliar a competitividade financeira das organizações brasileiras.

4. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

<i>Atividade - 1º Ano</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>6</i>	<i>7</i>	<i>8</i>	<i>9</i>	<i>10</i>	<i>11</i>	<i>12</i>
Revisão Bibliográfica.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Estudar alguns dos setores brasileiros.	X	X	X	X								
Definir competitividade para estes setores.				X	X	X	X					
Estudar estes setores no âmbito internacional.							X	X	X	X	X	X

<i>Atividade – 2º Ano</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>6</i>	<i>7</i>	<i>8</i>	<i>9</i>	<i>10</i>	<i>11</i>	<i>12</i>
Revisão Bibliográfica.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Avaliar a competitividade dos setores brasileiros sob a ótica de indicadores.	X	X	X	X								
Verificar diferenças entre setores nacionais e internacionais.				X	X	X	X					
Avaliar o impacto das políticas							X	X	X	X	X	X

macroeconômicas na competitividade do âmbito micro.													
Relatório Bienal.											X	X	X

<i>Atividade – 3º Ano</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>6</i>	<i>7</i>	<i>8</i>	<i>9</i>	<i>10</i>	<i>11</i>	<i>12</i>
Revisão Bibliográfica.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Avaliar a competitividade dos setores nacionais a partir da abordagem da geração de valor.	X	X	X	X								
Verificar diferenças entre setores nacionais e internacionais em relação à geração de valor.				X	X	X	X					
Avaliar o impacto das políticas macroeconômicas na geração de valor das organizações dos setores estudados.							X	X	X	X	X	X

<i>Atividade – 4º Ano</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>6</i>	<i>7</i>	<i>8</i>	<i>9</i>	<i>10</i>	<i>11</i>	<i>12</i>
Revisão Bibliográfica.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaborar um modelo de análise de competitividade organizacional que englobe as influências dos setores, das políticas macroeconômicas, a geração de valor, a análise de indicadores financeiros e não-financeiros (os mais relevantes), de forma a criar uma forma objetiva de avaliação da competitividade.	X	X	X	X	X	X	X	X	X			

Relatório Bienal.											X	X	X
-------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---

5. MATERIAL E MÉTODOS

Em busca dos objetivos propostos neste projeto, o foco do estudo será dado sobre as informações financeiras das organizações, uma vez que estas demonstrações possuem por finalidade representar de modo monetário as relações e influências externas da competitividade.

Apesar do reflexo da situação da empresa, e comparativamente de sua competitividade, as informações financeiras não são capazes de prover todas as informações necessárias para uma compreensão mais ampla.

Assim, no intuito de agregar informação a esta análise, serão desenvolvidos estudos sobre fatores que possuem forte influência sobre a competitividade das empresas e conseqüentemente em sua situação financeira.

Desta forma, o projeto foi dividido em algumas linhas principais que buscam observar estas relações:

- Finanças: esta área tem como o foco principal a análise das demonstrações contábeis para estruturar questões de eficiência da operação, bem como sobre a administração financeira e formas de obtenção e aplicação de recursos financeiros;

- Macroeconomia: é impossível analisar organizações de economias diferentes sem observar como os fatores macroeconômicos podem influenciar as organizações que estão inseridas, podendo estes fatores atuar como formas de potencialização ou restrição da competitividade;

- Carga Tributária e Subsídios: da mesma forma que a economia, os governos podem e normalmente atuam como grandes influenciadores em determinados setores, seja restringindo através de uma carga tributária ou apoiando sob a forma de incentivos e subsídios;

- Estratégia: as relações estratégicas empregadas pelas organizações em seu relacionamento com os mercados e concorrentes são reflexo das estratégias competitivas ou mesmo de questões estratégicas mais amplas, que são de extrema importância para o estudo da competitividade.

Assim, com uma análise completa de todos estes fatores auxiliada por técnicas quantitativas e qualitativas de mensuração, além de estudos sobre padrões internacionais de contabilidade é possível obter um estudo completo de determinado setor.

Portanto, o desenvolvimento desta metodologia e sua posterior adaptação para os principais setores da economia brasileira, bem como a sua aplicação nestes setores comparando-os com seus respectivos concorrentes internacionais poderão prover informações que auxiliem tanto organizações, como o governo, na compreensão da competitividade.

Para tanto, primeiramente, será efetuada uma pesquisa exploratória que, segundo MALHOTRA (2001), mostra-se adequada para explorar um problema ou uma situação de forma a prover uma melhor compreensão, desenvolver hipóteses, isolar variáveis e relações-chave além de indicar prioridades para pesquisas posteriores. Dessa forma, a pesquisa exploratória mostra-se apropriada para os primeiros estágios da investigação, quando da compreensão do fenômeno. Nesse caso, a relação entre decisões e o desempenho competitivo financeiro da empresa são insuficientes (MATTAR, 1996).

Cabe, portanto, à pesquisa descobrir idéias e *insights*, o que, segundo MALHOTRA (2001), também a caracteriza como uma pesquisa exploratória. Além disso, a pesquisa tem por base análises divididas em duas etapas: a primeira quantitativa e a segunda qualitativa. A partir da análise de dados secundários, mais especificamente dos demonstrativos financeiros obtidos através da base de dados Economática®, serão calculados os índices financeiros que servirão de base para avaliar o desempenho e a competitividade financeira das empresas da amostra.

Na segunda etapa, o desempenho competitivo das empresas será relacionado com informações sobre decisões estratégicas, táticas e operacionais na busca de uma melhor compreensão de como o desempenho competitivo superior foi atingido. O desenvolvimento de hipóteses, que relacionem as decisões e o desempenho, bem como isolamento de variáveis e identificação de relações-chave que permitam melhor entendimento da competitividade empresarial, serão objetivos dessa segunda fase. As informações sobre estratégias e operações das empresas analisadas serão obtidas através de relatórios para os acionistas das próprias empresas, de relatórios elaborados por bancos e fundos de investimento para avaliação dessas empresas, material produzido através de associação sindical, relatórios governamentais e por material obtido junto à imprensa especializada. Exceto pelos relatórios dos bancos e fundos de investimento, tratam-se todas de fontes públicas de informações. Os relatórios dos bancos e fundos serão obtidos através de solicitação direta aos mesmos.

A última etapa deste trabalho será desenvolver uma metodologia de análise da competitividade organizacional dos diversos setores estudados, de forma a englobar as influências da indústria, das políticas macroeconômicas, a geração de valor, a análise de indicadores financeiros e não-financeiros (os considerados mais relevantes das etapas anteriores), para assim, criar uma forma objetiva de avaliação da competitividade no âmbito micro de análise.

6. FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este projeto se baseia nos índices financeiros, que refletem a situação da organização, bem como as influências externas anteriormente mencionadas. Assim, a partir dessa gama de indicadores financeiros acrescida de indicadores que correspondam a fatores macroeconômicos, tributos e subsídios, utilizando testes estatísticos, como análise

multivariada, para determinar quais variáveis possuem maior influência na eficiência financeira e conseqüente competitividade financeira da empresa.

A partir dessas variáveis selecionadas serão desenvolvidos alguns testes empíricos no intuito de modelar uma técnica de mensuração, a partir de modelos econométricos, estatísticos e outros possíveis que venham a contribuir com o desempenho do modelo.

7. BIBLIOGRAFIA

ALBERNATHY, W.; CLARK, K.; KANTROW, A. *The new industrial competition*. Harvard Business Review. Boston: v.59, n.5: p. 68-81, Sept/Oct 1981.

AMBASTHA, A.; MOMAYA, K. *Competitiveness of firms: review of theory, frameworks and models*. Singapore Management Review. Singapore: v. 26, n. 1: p. 45, 2004.

COPELAND, T.; KOLLER, T.; MURRIN, J. *Valuation: measuring and managing the value of companies*. 2nd ed. New York: John Wiley & Sons, 1995.

COUTINHO, L. G. et alii. *Estudo da competitividade da indústria brasileira: relatório final*. Campinas, 1993. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/publi/Compet/r_final1.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2004.

_____; FERRAZ, J.C. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 1^a. ed. Campinas: Papirus/Unicamp, 1994.

FAGERBERG, J. *Technology and Competitiveness*. Oxford Review of Economic Policy, Oxford University Press, 1996, vol. 12 (3), p.39-51.

FLEURY, P.F.; PROENÇA, A. *Competitividade industrial e a gerência estratégica de operações*. Revista de Administração da Universidade de São Paulo. São Paulo: v. 28 , n.2: p.3-19, abr./jun. 1993.

GITMAN, L. J. *Princípios de Administração Financeira*. São Paulo: Artmed, 2001.

_____. *Princípios de Administração Financeira*. 3^a. ed. São Paulo: Harbra,1987.

HAGUENAUER, L. *Competitividade: Conceitos e Medidas*. TD IEI/UFRJ; n. 211; RJ, 1989.

IMD, *World Competitiveness Yearbook*. Lausanne: 2004.

MALHOTRA, N.K. *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. 3. ed. Porto Alegre, Bookman, 2001, 719p.

MATTAR, F.N. *Pesquisa de Marketing*. Edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTUELLA, J.L.; FENSTERSEIFER, J.E.; LANZER, E.A. *Competitividade em mercados agroindustriais integrados*. Revista de Administração da Universidade de São Paulo. São Paulo: v. 30, n.4: p.34-42, out./dez. 1995.

MINTZBERG, H. *Criando organizações eficazes: estruturas em cinco configurações*. 1a. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ORAL, M.; CHABCHOUB, H. *An Estimation Model for Replicating the Rankings of the World Competitiveness Report*. International Journal of Forecasting, 1997, Vol. 13, Iss 4, pp 527-537.

PORTER, M. *Estratégia Competitiva: técnicas para análise da indústria e da concorrência*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

_____. *A Vantagem competitiva das nações*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

_____. *Competição On Competition: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1999.

_____. *The Competitive Advantage of Nations*. New York, The Free Press, 1990.

POSSAS, M.S. *Concorrência e Competitividade*. Instituto de Economia – UNICAMP. Tese de Doutorado, 1997.

PRAHALAD, C.K.; HAMEL, G. The core competence of the corporation. *Harvard Business Review*, 79-91, May-Jun. 1990.

RODRIGUES FILHO, L.N.; AMIGO, R.J.R. *Determinantes da competitividade em mercados industriais*. Revista de Administração da Universidade de São Paulo. São Paulo: v. 35, n.1: p.23-31, jan/mar 2000.

SAMUELSON, P.A.; NORDHAUS, W.D. *Economia*. 14ª ed. Lisboa: McGraw-Hill, 1993.

SANTOS, M.C.A. *A competitividade e a cadeia de agregação de valor*. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo: v. 1, n. 2: p.1-8, 1o. semest. 1996.

SERCU, P.; UPPAL, R. *International financial markets and the firm*. 1st. ed., Cincinnati: South-Western College Publishing, 1995.

SILVA, C.A.S. *Formação do preço de venda dos produtos: análise de modelo*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

WAHEEDUZZAMAN, A. N. M. *Competitiveness, human development and inequality: a cross-national comparative inquiry*. Competitiveness Review. Indiana: vol. 12, Issue 2: p. 13-29, 2002.